

Quando a versão vale mais do que o fato

VICTORIA EVA DA SILVA OLIVEIRA



Imagine abrir o celular pela manhã e dar de cara com uma notícia chocante. Antes mesmo de pensar em checar se aquilo é real, você já sentiu indignação, compartilhou com os amigos e formou uma opinião. Parece familiar? Esse é o retrato da chamada era da pós-verdade, em que as emoções e crenças contam mais do que os fatos na hora de construir o que chamamos de “verdade”. Não se trata apenas de fake news. A questão vai além: é uma verdadeira guerra de narrativas, em que diferentes versões disputam espaço

e atenção, cada uma tentando se impor como a única explicação válida. Nesse cenário, o senso comum — aquilo que “todo mundo repete” sem pensar muito — é facilmente moldado e manipulado. Como já alertaram pensadores como Hannah Arendt e Michel Foucault, a verdade é frágil. Ela pode ser abafada por discursos mais sedutores, pela repetição ou pela força de quem tem mais espaço para falar. No dia a dia, isso significa que podemos estar acreditando, discutindo e até tomando decisões baseados em

versões que não correspondem aos fatos. Sensibilizar para esse tema é essencial.

Significa entender que a verdade não é algo garantido: ela precisa ser cuidada, investigada e defendida. Significa também assumir uma postura crítica — parar, pensar, duvidar antes de clicar em “compartilhar”. O desafio que deixamos aos leitores nesta primeira edição do Clarim do PET é simples e urgente: diante de tantas vozes, qual delas você escolhe ouvir? E, principalmente, qual delas você ajuda a ecoar?

Nesta edição

A especialista Anita Brasil, fala sobre “pós-verdade” e o poder que as lideranças têm sobre seus seguidores.

Anita Brasil esclarece para o Clarim do PET questões sobre pós-verdade: O que é pós verdade? Como combatê-la?

Pág. 2

UFG debate impactos da pós-verdade e da guerra de narrativas no senso comum

Evento reuniu estudantes e professores para discutir os efeitos da desinformação e das redes sociais na percepção da realidade.

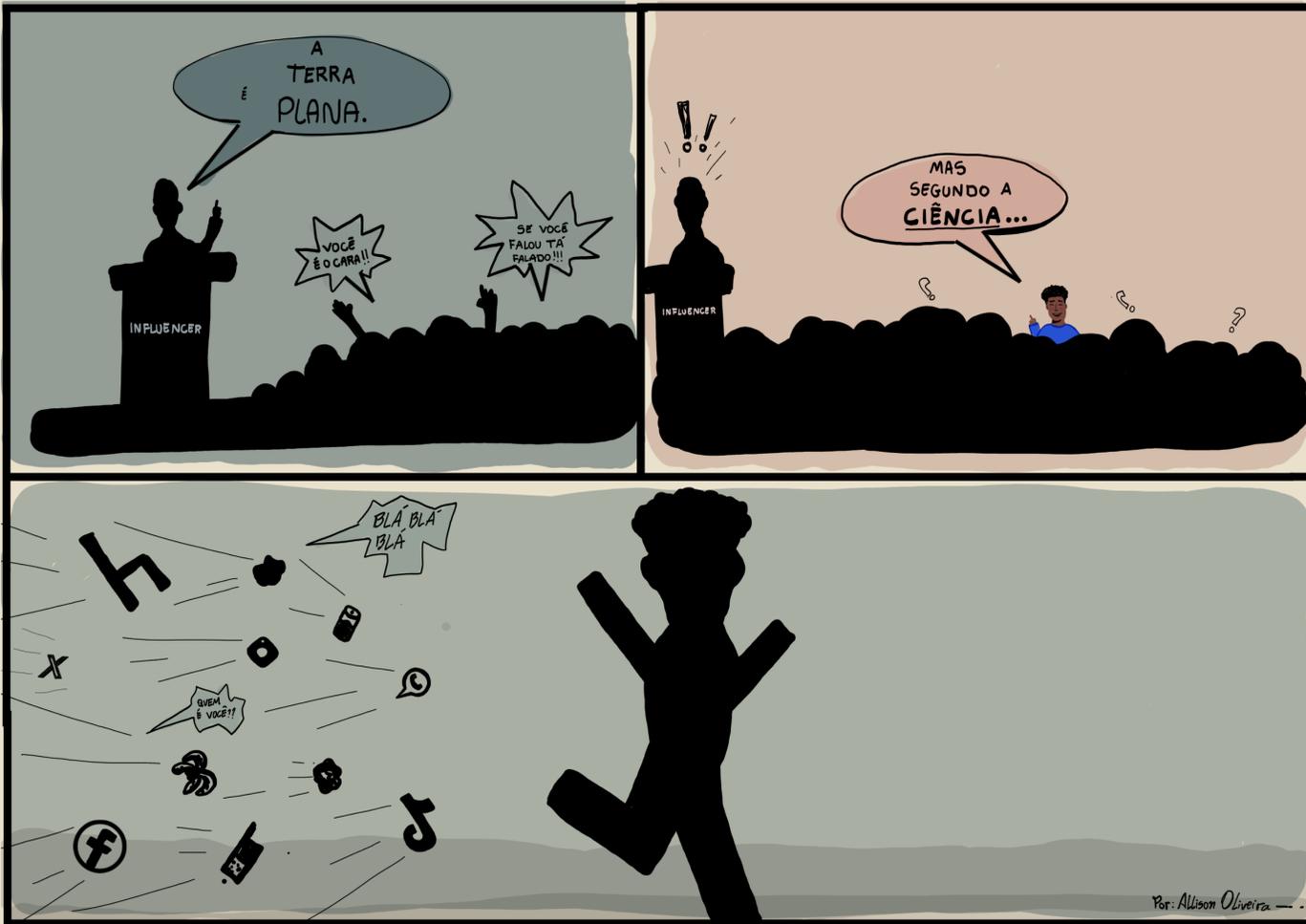
Pág. 2

EDITORIAL:
Tainá Rincon reflete “Por que nem todo mundo pode falar sobre tudo, em qualquer lugar?”

Pág. 6

UFG debate impactos da pós-verdade e da guerra de narrativas no senso comum

Evento reuniu estudantes e professores para discutir os efeitos da desinformação e das redes sociais na percepção da realidade



Na tarde da última quarta-feira (6), a Universidade Federal de Goiás (UFG) promoveu um debate aberto sobre os efeitos da pós-verdade e da guerra de narrativas na formação do senso comum. Organizado pelo Programa de Educação Tutorial (PET) de Ciências Sociais, o evento reuniu estudantes e professores no auditório da Faculdade de Ciências Humanas. Com a participação de docentes das áreas de Sociologia, Comunicação e Filosofia, a discussão abordou como a circulação de desinformação, aliada ao uso de redes sociais e algoritmos, tem influenciado a forma como grande parte da população percebe a realidade. Durante a mesa, o professor Ricardo Monteiro, da Faculda-

de de Informação e Comunicação, afirmou: "A pós-verdade não representa o fim da verdade, mas sua substituição por discursos emocionalmente eficazes, mesmo que desconectados dos fatos." Foram apresentados exemplos práticos, como a disseminação de fake news durante as eleições de 2018 e 2022 e, mais recentemente, no período da pandemia de Covid-19 — quando circularam boatos sobre curas milagrosas, incluindo o uso de medicamentos como hidroxiquina e ivermectina, bem como tratamentos sem comprovação científica, como o chamado "tratamento precoce" e receitas caseiras que prometiam prevenir ou curar a doença. Esses casos foram acompa-

nhados de dados de pesquisas que mostram como a desinformação se espalha mais rapidamente do que conteúdos verificados, especialmente quando reforça crenças pré-existentes. Para o estudante Douglas Rezende, do curso de Direito, o evento foi uma oportunidade de repensar hábitos digitais: "Percebi o quanto a gente compartilha conteúdos sem checar, apenas porque aquilo confirma o que a gente já acredita." Ao final do encontro, os participantes ressaltaram a importância de fortalecer o pensamento crítico e reconhecer o papel das universidades na promoção de debates que ajudem a compreender e combater a desinformação.

A especialista Anita Brasil, fala sobre "pós-verdade": o poder que as lideranças têm sobre seus seguidores.

Claudia Goiás entrevista a especialista Anita Brasil, para o Clarim do PET, onde traz à tona um assunto relevante que é o tema da era "pós-verdade."

Claudia: Boa noite, Anita! Obrigada por aceitar o convite do Clarim do PET. Você pode nos explicar o que é a era "pós-verdade"?

Anita: Boa noite! Então, "pós-verdade" é um termo que surgiu em 2016, no qual assuntos sem fundamentações teóricas ganham forças, com o intuito de induzir por meio de apelos, religiosos, políticos e emocionais dentro de outros, a opinião pública, fazendo-as acreditarem que certos temas são verdades absolutas. Tendo como exemplo, quando grupos dizem, "que a Terra é plana", mesmo com comprovação científica, que diz ao contrário.

Claudia: Percebe se que algumas pessoas que reproduzem essas inverdades, são alfabetizadas e tem acesso à universidade. Nesse sentido, elas têm informações. Por que elas acreditam nessas mentiras?

Anita: É importante destacar que crenças e ideologias, pode influenciá-las. Nem sempre uma pessoa bem informada estará imune à desinformação. Um exemplo disso, é quando se tem as referências, como uma liderança religiosa, política e outras. Para uma pessoa que acredita piamente nessa liderança, é incapaz de questioná-lo, pois se identifica. A representatividade dessa pessoa influencia nas suas decisões.

Claudia: Com a democratização da informação e o avanço tecnológico, o que é possível para amenizar os impactos da desinformação

nas vidas das pessoas?

Anita: A democratização da informação possibilita romper com barreiras, vez que é um processo de inclusão e ameniza uma das expressões da questão social que é a desigualdade. No entanto, o avanço tecnológico não abarca a todos de forma equânime. Nesse sentido, é preocupante como muitos usam esse mecanismo para disseminar informações falsas. De modo que alcança grande quantidade de pessoas. Com isso, pode levar a uma polarização política, onda que ocorreu nas eleições de 2018 e 2022 no Brasil.

Com isso, potencializa o “negacionismo”, que propicia as falsas notícias que esteve no cerne de tudo, onde lideranças políticas e religiosas refutaram a ciência em nome de uma ideologia pós-verdade.

Claudia: Depreendendo que existe uma “democracia” e as pessoas têm o direito de manifestarem. O que fazer para coibir que grupos dos “pós-verdade” perpetuem impactando com suas ações e práticas as vidas das pessoas?

Anita: É verdade, é um direito à liberdade se manifestar, está no Art, 5º inciso XVI da Constituição Federal de 88. No entanto, o direito de se manifestar não dá direito a atentar contra vidas do outro, como por exemplo, notícias falsas sobre vacinas, ideologia política com discurso de ódio, essas práticas podem ceifar vidas. Portanto, a era “pós-verdade” impacta de forma maléfica, pois age em desacordo com os fatos reais.

Goiás: Estamos terminando mais uma entrevista para o Jornal “A Terra não é Plana”. O qual, a convidada de hoje foi a Anita Brasil, especialista em “pós-verdade”, com tema intitulado “O poder que as lideranças têm sobre seus seguidores”.



O Clarim do PET agradece a Anita por aceitar o nosso convite.

COLUNAS



ENTRE FATOS E CRENÇAS

Por BRENDA SAMPAIO

Uma Conversa Sobre a Era da Pós-Verdade

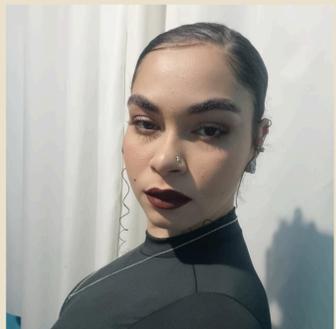
Você certamente já esbarrou com uma fake news. Talvez não tenha percebido, mas não se sinta culpado: elas estão por toda parte, em todos os lados e muitas vezes mais plausíveis que a verdade. E esses episódios aumentam sempre que estamos prestes a viver algum grande evento. Eleições, crises, Olimpíadas — tudo parece ser combustível para a desinformação.

Ok. “Fake news” já se tornou um conceito batido. Mas sempre colado nas “fake news”, um outro termo que tem se popularizado é o de “pós-verdade”. As notícias falsas sempre existiram, mas o que estamos vivendo nos tempos atuais é algo a mais. São discursos que se valem de informações falsas para impulsionar um fenômeno que vai além de uma mentira bem contada, já que não é mais apenas sobre a mentira em si, mas como a gente lida com a mentira. Para entender a realidade em que vivemos, não basta mais pensar nas fake news como um problema técnico, tipo: alguém inventa, alguém compartilha. A novidade é que a pós-verdade, além de um fenômeno político e social, também é emocional. Isso mesmo: emocional.

A pós-verdade não é só divulgar uma informação falsa. É sobre como ela apela para os sentimentos, e como as pessoas escolhem acreditar nela porque querem que ela seja verdade. A partir daí, tudo fez mais sentido, porque é o que vemos todos os dias nas redes sociais e, às vezes, até em nós mesmos: em vez de construirmos nossas opiniões com base nos fatos, buscamos fatos que confirmem nossas opiniões. E, claro, encontramos. Afinal, a internet tem de

tudo — inclusive o que não aconteceu. E honestamente, isso me parece desesperador. Uma imagem que fica na minha cabeça: é como se, hoje, a verdade estivesse menos nos fatos e mais no grupo ao qual queremos pertencer. Se uma informação bate com o que meu grupo acredita, ela é aceita sem muita resistência. Se desafia essa crença coletiva, a gente já olha torto, dúvida, rejeita. É uma verdade moldada pela identidade, fruto de uma polarização muitas vezes acrítica. No meio disso tudo, as fake news acabam virando uma espécie de cola emocional. E pior: alimenta esse ciclo vicioso. A pós-verdade e as fake news se retroalimentam. Quando você desconfia dos fatos e das fontes que antes eram confiáveis, acaba confiando só naquilo que parece fazer sentido emocionalmente.” E tem mais: hoje, qualquer pessoa pode ser um “divulgador de notícias”. O carisma conta mais do que a checagem, e isso muda completamente a forma como consumimos informação. A credibilidade dá lugar à afinidade. É dentro desse entendimento que me surge um desespero, a impressão de que tudo pode estar perdido e que não temos meios de fazer a “verdade prevalecer”. Mas sem cair no alarmismo, talvez existam meios de combater a desinformação. Precisamos de políticas públicas e de soluções tecnológicas que ajudem o usuário comum a filtrar o que lê e vê por aí. Mas também precisamos fazer o nosso dever de casa: adotar uma postura crítica, checar os fatos, julgar o conteúdo mais do que o mensageiro. E do outro lado, enquanto detentores da informação confiável, se a desinformação usa linguagem emocional para se espalhar, talvez a verdade também precise aprender a falar essa língua. Informação com empatia, talvez? É um desafio enorme, mas parece um bom caminho. Talvez a esperança esteja em começar a praticar o hábito de duvidar com curiosidade, e não com raiva. E se em vez de buscar o que confirma nossas crenças, a gente buscasse o que nos faz entender melhor o mundo, questionando mesmo nossas crenças, colocadas em um lugar de construção constante? A verdade pode ser mais difícil de engolir do que uma boa mentira, mas, no fim das contas, é ela que sustenta a realidade.

Minha opinião



Por EDUARDA

Quando a verdade está em jogo, quem ganha com a mentira?

O Dicionário de Oxford elegeu em 2016, a “pós-verdade” (do inglês, “post-truth”) como a palavra do ano. O termo ganhou destaque devido aos intensos debates políticos relacionados a eleição presidencial americana que ocorria durante aquele período, onde com frequência, notícias falsas se sobrepunham aos fatos.

A definição surge para descrever o fenômeno contemporâneo onde uma situação em que os fatos objetivos são menos influentes do que emoções e crenças pessoais na formação de opiniões. Esse fenômeno não é neutro nem espontâneo: ele serve a interesses muito bem definidos. A verdade, em muitos contextos, passa a ser moldada, distorcida ou simplesmente descartada quando entra em conflito com projetos de poder. Diante desse cenário, vale perguntar: a troco de quais interesses a verdade tem sido colocada em segundo plano?

Em um artigo publicado na página da Fundação Perseu Abramo, o professor Marques (2022), expressa: *“A experiência da pós-modernidade exprimiu a perda de sentido das visões totalizantes da história, que prescreviam regras de conduta política e ética válidas universalmente. Acatou-se o relativismo sobre a verdade e passou-se uma régua nas narrativas concorrentes.”*

Ou seja, na pós-modernidade, deixa-se de acreditar nas grandes explicações universais e nas verdades absolutas, adotando um relativismo em que todas as narrativas são vistas como igualmente válidas, independentemente de sua base factual. Isso abre espaço para que para que fatos e opiniões possam ter o mesmo valor diante de um debate público. O que se caracteriza como bastante conveniente no cenário político, principalmente.

Uma vez que, por meio do discurso, é possível moldar a opini-

ão pública, a verdade passa a ser manipulada para se alinhar aos sentimentos de quem deseja acreditar apenas no que lhe favorece, independentemente de comprovação. Esse processo converte os interesses coletivos em interesses individuais, enfraquecendo a participação política e reduzindo a relação entre Estado e cidadãos a um vínculo de caráter clientelista, no qual o Estado assume o papel de “gestor” e os indivíduos, de meros clientes. Tal dinâmica contribui para a naturalização da barbárie, tornando aceitáveis práticas e decisões que deveriam ser alvo de indignação e resistência social.

Um exemplo brasileiro foi a difusão de desinformação durante a pandemia de COVID-19, especialmente em 2020 e 2021, quando o governo federal adotou discursos que relativizavam dados e orientações científicas, (Jornal USP, 2021).

Órgãos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS), diziam que não havia comprovação da eficácia de medicamentos como cloroquina e ivermectina contra a COVID-19. No entanto, o governo federal, em várias ocasiões, promoveu o chamado “tratamento precoce” como solução eficaz, mesmo sem comprovação científica.

Esse discurso operou perfeitamente dentro da lógica da pós-verdade, a partir do momento em que apela para o emocional e para crenças da população como substitutas para evidências científicas. E principalmente na desqualificação de fontes oficiais, onde especialistas, cientistas e jornalistas que apontavam inconsistências nessas informações eram acusados de agir por “interesse ideológico”.

Ao evitar assumir responsabilidade política por essas medidas e reforçar sua base eleitoral, alinhando-se ao discurso da “liberdade” e contra o que era

chamado de “histeria da mídia”, o governo então transformou a pandemia em uma arena ideológica, retirando o debate da esfera científica e transferindo-o para a esfera política e emocional, o que dificultou a criação de políticas públicas de saúde que eram urgentes ao contexto.

Este e dentre outros acontecimentos mais recentes no país e no exterior, mostra como essa prática pode afetar a realidade, em exemplo a morte de milhares de pessoas sendo tratada como consequência inevitável diante da defesa de interesses econômicos

políticos e eleitorais. Justamente a “naturalização da barbárie”, quando a manipulação da verdade transformou uma tragédia coletiva em algo socialmente tolerado.

Em um cenário marcado pela lógica da pós-verdade, não há dúvida de que a verdade tem sido constantemente questionada, e isso não acontece por acaso. Ao contrário, essa prática atende a interesses concretos, sejam eles políticos, econômicos ou ideológicos, funcionando como ferramenta estratégica para moldar a percepção pública e manter determinadas estruturas de poder. Reconhecer esse mecanismo é o primeiro passo para resistir à manipulação e resgatar a verdade como um bem coletivo. Ela é um alicerce que sustenta a confiança social que permite a participação no exercício da cidadania. A verdade pode ser desconfortável, mas é a única base possível para uma sociedade minimamente justa.



SENSIBILIZAÇÃO



Pintura em acrílico sobre o papel. Por Nayla Milena

Cabeça-tela

NAYLA MILENA

A sala está cheia de vozes.
Todas dizem o mesmo.
Todas dizem o mesmo. Todas
dizem o mesmo.
"Isso é sua escolha"
"você escolheu"
"isso é sua escolha"
"você escolheu".

No centro,
um corpo com a cabeça
substituída por uma
televisão.
Na tela,
cores que piscam vermelho,
azul, vermelho, azul
um desfile de produtos
sorrisos
congelados frases que
voltam como marés
mecânicas.

O rosto sumiu.
No lugar, uma superfície
lisa, vidro polido que reflete
a propaganda.

O corpo permanece
mas quem olha de perto
não encontra olhos
apenas luz projetada.

Cadeiras se alinham em
fileiras invisíveis.
Em cada uma, um
espectador imóvel.
Todos assistem.
Todos assistem.
Todos assistem.

Entre os intervalos
a dúvida tenta nascer
mas é abafada pelo próximo
anúncio.

As imagens passam rápido:
uma mão erguendo um copo
uma criança sorrindo para a
câmera
um carro atravessando a
paisagem
uma palavra repetida.
uma palavra repetida.
uma palavra repetida.

A estética seduz
a cor envolve
a música embala.
Ninguém percebe o nó que
se aperta no centro da
mente.

O controle não grita.
Sussurra.
E repete.
Sussurra.
E repete.
Até que o silêncio
seja a própria propaganda.

Quando a sabedoria usa chinelo e fala alto

Outro dia, na fila do mercado, escutei uma senhora dizer: "isso eu aprendi foi com minha avó, não tem livro no mundo que ensine". Sorri. Não pelo conteúdo, que envolvia um remédio de folha de mamona para dor no joelho, mas pela certeza de que ali havia um saber ancestral, legítimo, mas invisível nos corredores das universidades.

Vivemos em um mundo em que o saber ainda veste terno, fala inglês e se apresenta com citações que começam por "como disse Foucault". Não que Foucault esteja errado, longe disso, mas quem disse que só se aprende com os franceses?

A decolonialidade do saber é, talvez, a tentativa mais honesta de lembrar que o mundo é maior do que o Ocidente. A decolonialidade é uma fresta, uma rachadura nas paredes da epistemologia colonial. É a ousadia de afirmar que o conhecimento também mora nos terreiros, nas quebradas, nos quilombos, nos corpos dissidentes e nas histórias que o tempo tentou apagar. É reconhecer que o saber acadêmico não é o único válido, é apenas um entre tantos.

Na escola, nos ensinam que o Brasil foi descoberto. Mas descoberto por quem, mesmo? Quando se parte da lógica colonial, os outros saberes — os indígenas, africanos, populares — não foram descobertos: foram silenciados. A decolonialidade propõe justamente o contrário: es-cutá-los. Não como curiosidade folclórica, mas como fontes legítimas de compreensão do mundo.

O problema é que nem sempre damos ouvidos ao que não tem carimbo institucional. A sabedoria de quem nunca entrou em uma universidade ainda é tratada como "opinião". Já a teoria vinda da Europa ganha no-me, sobrenome e, se bobear, cadeira cativa nas provas de mestrado.

É urgente reaprender a olhar. Reaprender a escutar. Reaprender a saber. Porque saber não é acumular títulos, é reconhecer que o conhecimento também caminha descalço, fala com sotaque e dança no ritmo do tambor.

A decolonialidade do saber não é uma guerra contra a ciência, mas um chamado para ampliá-la. Para fazer caber o mundo inteiro nela, com suas pluralidades, suas dores, suas vozes.

Talvez um dia, quem sabe, o vestibular pergunte qual o ensinamento mais valioso que você aprendeu com sua avó. A resposta certa? Qual-quer uma. Porque o que importa mesmo é lembrar que saber, de verdade, é também aprender a ouvir quem o mundo tentou silenciar.

Por Victor Ananias, estudante de Direito pela UFG - Campus Goiás

EDITORIAL

Por Tainá Rincon Vianês

Por que nem todo mundo pode falar sobre tudo, em qualquer lugar?

Vivemos na era da hiperinformação. Nunca se falou tanto, nunca se opinou tanto, e nunca se teve tanta dificuldade em distinguir o que é verdade e o que é ruído. Quem tem legitimidade para falar? Esse é o paradoxo de nosso tempo: todos podem falar, mas nem todos são ouvidos. E, pior ainda, nem todos devem falar sobre tudo. Entramos definitivamente no território da pós-verdade, onde o peso do discurso não está mais em sua relação com os fatos, mas com quem o pronuncia e quantas vezes ele é repetido.

O filósofo Michel Foucault nos ajuda a compreender essa realidade. Em *A Ordem do Discurso*, ele demonstra que o discurso, longe de ser livre ou neutro, é regulado por mecanismos de exclusão que delimitam o que pode ser dito, por quem e sob quais condições. Ou se-

a, a verdade não é algo que simplesmente “aparece”; ela é construída, legitimada e muitas vezes imposta.

Hoje, não basta ter razão ou apresentar fatos. Em muitos contextos, a emoção, a autoridade simbólica e a visibilidade digital contam mais que o conteúdo. A figura do “autor”, o ritual de onde se fala (como uma bancada de jornal ou um púlpito religioso), e as instituições que validam o discurso, escolas, universidades, mídias, tribunais, seguem sendo filtros seletivos de legitimidade. A internet, embora democratize o acesso à fala, amplifica o ruído, distorce a autoridade e transforma a visibilidade em capital.

Nesse cenário, há quem fale muito e não diga nada. E há quem, mesmo dizendo verdades cruciais, permaneça silenciado. As vozes de mulheres, pessoas ne-

gras, indígenas, LGBTQIAPN+, periféricas e com deficiência continuam sendo sistematicamente marginalizadas. Isso não é casual: é estrutural. Foucault nos alerta que o discurso é um campo de poder. É nele que se decide quem será ouvido, quem será ignorado e quem será deslegitimado. O que chamamos de “liberdade de expressão” precisa ser questionado sob essa ótica. Quem tem o direito de ser ouvido com credibilidade?

A era da pós-verdade, portanto, não é apenas marcada pela mentira travestida de fato. É também marcada pela banalização da fala e pela manipulação. A verdade, nesse contexto, tornou-se refém de algoritmos, bolhas de confirmação e performances públicas. Enquanto isso, verdades incômodas, ditas por sujeitos considerados

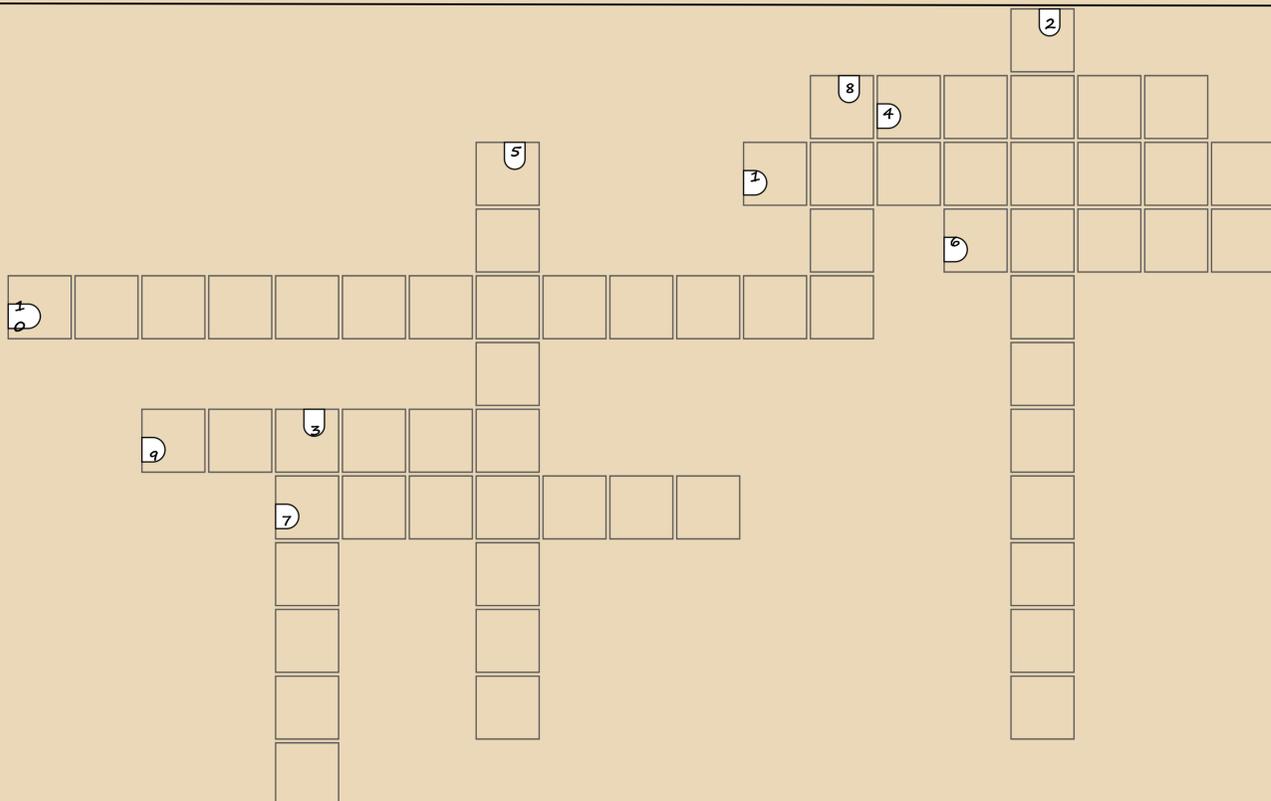
“fora da ordem”, seguem sendo descartadas como delírios, ressentimentos ou exageros.

Falar, então, é mais do que emitir palavras: é reivindicar um espaço de existência. Por isso, escutar as vozes silenciadas é um ato político. É necessário romper os filtros de exclusão que impedem certos corpos de ocupar espaços de fala legítima. É preciso desconfiar daquilo que é apresentado como verdade universal, pois todo discurso carrega consigo o peso das estruturas de poder que o autorizam.

Neste momento histórico em que os discursos moldam realidades e verdades são fabricadas ao gosto do algoritmo, precisamos mais do que nunca refletir: quem está falando, com que autoridade, e a serviço de quais interesses?

ENTRETENIMENTO

CRUZADINHA



1. Notícias fabricadas apresentadas como verdadeiras
2. Ato de controlar ou influenciar uma opinião ou comportamento de forma enganosa.
3. Elemento que muitas vezes pesa mais que a razão na pós-verdade.
4. Informação sem comprovação que circula entre pessoas.
5. Conjunto de ideias ou história construída para orientar a interpretação dos fatos.
6. Meio de comunicação, seja tradicional ou digital.
7. Afirmação contrária à verdade.
8. Informação comprovada e baseada na realidade.
9. Convicção pessoal, nem sempre baseada em provas.
10. Disseminação intencional de informações falsas ou enganosas.

CLASSIFICADOS

VERDADES FAKE QUE ABALARAM O BRASIL

CNH SOCIAL

Página imita G1 e divulga Link para a CNH Social, exigindo dados pessoas e PIX. Grande golpe. G1 Goiás (Oficial) Página imita G1 e divulga Link para a CNH Social, exigindo dados pessoas e PIX. Grande golpe. G1 Goiás (Oficial)

Marielle Franco ligada a facção criminosa

Nem a memória da vereadora assassinada Marielle Franco foi respeitada em 2018. A informação de que ela teria vínculo com uma facção criminosa e seria casada com um narcotraficante circulou como forma de deslegitimar sua luta e enfraquecer as reivindicações pela busca aos seus assassinos. O na época deputado federal Alberto Fraga reproduziu a fake news em sua conta no Twitter.

Brasil de Fato

Manuela D'Ávila com a camiseta "Jesus é Travesti"

Nem a memória da vereadora assassinada Marielle Franco foi respeitada em 2018. A informação de que ela teria vínculo com uma facção criminosa e seria casada com um narcotraficante circulou como forma de deslegitimar sua luta e enfraquecer as reivindicações pela busca aos seus assassinos. O na época deputado federal Alberto Fraga reproduziu a fake news em sua conta no Twitter.

Brasil de Fato

A INFLUÊNCIA NO MEIO DIGITAL

Influenciadores e seu novo nicho

Há um novo tipo de influenciador nas redes sociais. Mas, em vez de promover marcas de roupa ou produtos relacionados a estilo de vida, eles promovem a fraude.

BBC News

As apostas on-line de levam a novos caminhos

Um quinto daqueles que já foram vítimas de fraudes em sites e aplicativos que ofereciam apostas ou jogos de azar on-line, teve as informações pessoais usadas para criação de uma conta em seu nome. Sem contar o aumento de CPFs no Serasa em decorrência das apostas.

O GLOBO

Respostas - cruzadinha: fake news, manipulação, emoção, boato, narrativa, mídia, mentira, fato, crença, desinformação

INFODEMIA

O excesso de informações, precisas ou não, que enganam pessoas comuns e os conduzem ao abismo da ignorância submissa, pode ser chamado de infodemia, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). O duelo entre o que é real e fruto de pesquisas científicas e o metaverso das bolhas de desinformação fez com que a pergunta filosófica sobre "o que é realmente verdadeiro e o que não?" atravessasse o tempo e ganhasse força no século XXI novamente.

CONFEN

Aspectos culturais

Os produtores das fake news sobre covid-19 exploraram estrategicamente aspectos culturais como saberes popu-

lares, tradições, crenças religiosas e hábitos alimentares para manipular a população durante a pandemia.

Jornal da USP

FICTICIAMENTE

- Um influenciador sem formação médica divulga uma "cura milagrosa" e milhões acreditam. - Enquanto isso, profissionais da saúde são ignorados quando desmentem a informação.

- Uma indígena denuncia a destruição de sua terra nas redes sociais e é atacada ou silenciada. - Um comentarista político fala sobre o mesmo tema sem vivência real e é ovacionado

- Um pastor pode opinar sobre política durante um culto sem ser questionado. - Uma jovem periférica que critica o governo em um comício é acusada de "não entender do assunto"

UMA VERSÃO DA VERDADE

PARA A EDIÇÃO DESSE JORNAL: A deturpação da percepção ocorre quando discursos manipulados ou descontextualizados moldam a maneira como enxergamos a realidade, distorcendo fatos e criando versões convenientes da verdade. Na era da pós-verdade, a repetição de narrativas emocionais ou enviesadas muitas vezes pesa mais do que a verificação dos fatos, gerando confusão, desinformação e polarização. Essa manipulação não apenas compromete o debate público, mas também enfraquece a capacidade crítica da sociedade, favorecendo interesses específicos e silenciando vozes dissidentes.

